

**Resumo:** O autor parte de uma recordação do seu primeiro encontro com Dom Afonso, então padre jovem, iniciando seu encargo de Reitor do Pré-Seminário de São Ludgero, SC, em 1943. Reencontra-o em Azambuja, como Reitor do Seminário Menor, em 1947. Acompanha-o espiritualmente no seu ministério episcopal em Lages, em 1959 e, desde 1965, em Florianópolis. Colabora com Dom Afonso na criação do Seminário Catarinense “Paulinum”, em Curitiba, de 1965 a 1972. Por fim, alude ao “coroamento da missão” de Dom Afonso, em 1993.

**Abstract:** The author begins with a recollection of his first meeting with Don Afonso, at that time he was a young priest in charge of the preparatory seminary in São Ludgero, SC, in 1943. He met him again in Azambuja as rector of the Minor Seminary, in 1947. Following him spiritually he accompanied him in his episcopal ministry in Lages, in 1959, and ever since 1965 in Florianópolis. He was working together with Don Afonso laying the foundation of the Seminary Catarinense “Paulinum” in Curitiba from 1965 till 1972. Finally he alludes to Don Afonso’s “coronation of his mission” in 1993.

## Dom Afonso Niehues

*Afonso Paulo Guimarães\*, in memoriam*

---

\* O autor, ex-professor titular de Direito na UFSC, foi presbítero da Arquidiocese de Florianópolis e deixou o ministério em 1972. Faleceu em 26-08 do corrente ano, em Santo Amaro da Imperatriz, pouco tempo depois de ter escrito este depoimento.





*Não há poder maior no mundo que o do tempo.  
Tudo leva ao nada, ao esquecimento.  
Impende, porém, notar que ele deixa seus vestígios.  
Os passos passam, mas os vestígios ficam.*

Uma grande carroça, puxada por 5 mulas gateadas, chegava junto ao salão paroquial de São Ludgero, que se erguia ao lado da estrada estadual que atravessa a região de Braço do Norte em direção a Orleans. Preparava-se uma festa. O Arcebispo Metropolitano de Florianópolis, Dom Joaquim Domingues de Oliveira, viria a São Ludgero, nos próximos dias, para festejar os 50 anos de sacerdócio do Mons. Frederico Tombrock, figura veneranda e venerável do Clero catarinense. Inúmeros sacerdotes nasceram em sua paróquia, razão por que São Ludgero se chamava “celeiro de padres”. Nesse ano de 1943, além do jubileu sacerdotal do Mons. Frederico Tombrock, dois outros acontecimentos especiais se realizariam, na Paróquia: a inauguração do Pré-Seminário de São Ludgero, e a ordenação presbiteral de dois jovens: Gregório Warmeling e Ludgero Locks.

Com as informações prestadas pelas pessoas que trabalhavam junto ao salão, a carroça curvou à esquerda, vindo a parar junto à casa paroquial, onde deveriam ser descarregados 50 sacos de batatinha inglesa, destinados à alimentação dos novos seminaristas. Jovens robustos e alegres, embatinados, recebiam os sacos de batatinha sobre suas batinas pretas.

Próximos ao mesmo local ficavam: o Colégio das Irmãs da Divina Providência; a Igreja Matriz, que olhava na direção do Rio Braço do Norte; a Gruta de Nossa Senhora de Lourdes, virada para a faixada da igreja; e a balsa, que transportava pessoas e veículos, vindos de Braço do Norte à região de Orleans.

Chegara a hora de procurarmos o Seminário, onde eu deveria ficar com a minha mala, e despedir-me de meu pai e de minha irmã. Enquanto Pe. Afonso conversava com meu pai, minha pequena irmã deixou cair uma moedinha, que o jovem sacerdote ajuntou e lhe entregou, com toda a gentileza. “Ele ajuntou a minha moedinha”. Uma frase tão singela de uma criança marcava a grandeza qualificadora de uma pessoa, e influenciaria indelevelmente minha vida.

Junto a uma grande porteira, que dava entrada e saída para um pasto, no qual se erguia um imponente edifício em construção, meu



pai, minha pequena irmã, Léa Isabel, eu e o Pe. Afonso Niehues, Reitor do novel Seminário, nos encontrávamos, no momento em que eu seria entregue aos cuidados daquele sacerdote, e eu devia despedir-me de meus entes queridos. Entre lágrimas, minhas e de minha irmã, fiquei no Pré-Seminário de São Ludgero, curtindo, por meses, uma dolorosa saudade.

No dia seguinte à minha chegada, antes do meio dia, oito cavaleiros, com diversos animais, com cangalhas e cestos, traziam novos seminaristas, vindos da Paróquia de Rio Fortuna: Antônio Gerônimo Herdt, Sebastião Willemann, Bernardo Rech e Júlio Schmoeller. Este, falava poucas palavras em português. E assim vinham vindo os novos seminaristas. Pela tarde do mesmo dia, chegavam ao Seminário, em um carro de mola, os irmãos Bertilo e João Schmidt, acompanhados de seu pai, Professor Turíbio Schmidt.

Como já assinali, o Seminário estava em construção. Só funcionava o dormitório, no último andar, com apenas um banheiro. As camas, emprestadas pelo Colégio das Irmãs da Divina Providência, eram pequenas para o descanso das pernas compridas do Clemente Hobold, do Silvestre Junckes e outros. No andar inferior, ficavam uma sala de estudos, que serviria, também, para as aulas; dois quartos, a futura capela, uma instalação higiênica e um banheiro. O andar térreo estava bastante atrasado. O senhor Bernardo Schlickmann fazia todo o esforço para terminá-lo.

Toda a água para a manutenção da casa provinha de um poço, que dispunha de uma bomba manual. Apenas uma “privada”, de madeira, construída junto aos eucaliptos, que ornavam as margens do Rio Braço do Norte, servia à comunidade, composta de para mais de 40 pessoas. As refeições eram feitas junto à casa Paroquial de São Ludgero, enquanto as orações e os atos litúrgicos realizavam-se na Igreja Matriz: para tanto, os seminaristas deviam percorrer uns 500 metros, quatro vezes ao dia. Não havia luz elétrica. Um lampião orientava a comunidade.

Uma vez por semana, aos sábados, tomava-se banho no Rio Braço do Norte. Os alunos deviam cobrir-se com um lençol, para vestir o calção de banho, cena que causava espanto a dezenas de cágados, admirados com o que viam. Com o correr dos anos, os cágados desapareceram, e a bucólica cena, também.



Aos domingos, dezenas de “aranhas” e cavalos de montaria, belamente ornamentados, garantiam sua segurança nos palanques da cerca de arame farpado do pasto do Seminário. Aos sábados, às 18 horas, badalavam, festivamente, os sinos da Igreja Matriz, prenunciando ao povo de Deus a chegada do dia do Senhor. Era a manifestação religiosa daquele povo, dado aos humildes e rudes trabalhos agrícolas, que vinha, aos domingos e festas religiosas, trazer o seu preito de gratidão e de súplica ao Criador.

Foi nesse ambiente, impregnado de profunda religiosidade e de árduo trabalho, que, aos 23 de agosto de 1914, nascera Afonso Niehues, filho de Germano Niehues e de Tereza Rohden Niehues. Agora, com apenas 5 anos de sacerdócio e 29 de idade, fora nomeado primeiro Reitor do Pré-Seminário de São Ludgero. Apesar da situação precária do edifício, o ano letivo correu normalmente, sendo o Pe. Afonso auxiliado pelo Professor Daniel Esser, no primeiro semestre; e, no segundo semestre, pelo Professor Ernesto Pretti.

Mensalmente, tínhamos um “passeio grande”, quando visitávamos uma família conhecida do Pe. Afonso. Muitas vezes, à tarde, íamos visitar uma família amiga do Pe. Afonso. Ali, nos era oferecido café com rosca de polvilho, broa, cuca e, eventualmente, aproveitávamos a chácara de frutas. Antes de todas as saídas do Seminário, colocando-nos sob a proteção de Maria Santíssima, cantávamos, cheios de entusiasmo e alegria, o “*Sub tuum praesidium*”, em latim.

Era um hábito do Pe. Afonso, todos os dias, ao meio dia, quando não havia jogos, e à noite, após o jantar, conversar com os alunos, passeando pelo pátio. As conversas giravam, normalmente, sobre a grande guerra que se travava na Europa. Este hábito de caminhar após o almoço, Dom Afonso jamais perdeu em sua vida. Pe. Afonso fazia as refeições com o Mons. Frederico Tombrock. Aí, pelo rádio, colhia as últimas notícias.

Uma das mais saudosas lembranças que tenho, desse primeiro ano, era a palestra do Pe. Afonso, aos sábados. Sempre trazia à nossa consideração o exemplo do Mons. Frederico Tombrock, então com 79 anos de idade: a limpeza de sua batina, da soprana, dos sapatos, o seu procedimento à mesa, o contato com as pessoas, a pontualidade, etc. No final do ano, a entrega dos boletins.



Para auxiliar Pe. Afonso, no ano de 1944, veio o Seminarista Evaldo Trierweiller, que recebera a batina no ano anterior. Pe. Carlos Emmendoefer, recém ordenado, fora nomeado Coadjutor da Paróquia de São Ludgero, Diretor do Coral e Padre Espiritual dos seminaristas. O prédio do Pré-Seminário já estava em melhores condições.

Em 1945, os Seminaristas do primeiro ano ginásial foram estudar em Azambuja, Brusque. O ambiente se nos afigurava imponente, solene, acolhedor. Não tínhamos, no entanto, a familiaridade com a Direção da casa, como acontecia em São Ludgero. O que mais nos preocupava, no Seminário de Azambuja, era a conferência do Pe. Reitor, Cônego Bernardo Peters, aos sábados à noite. Todos os alunos – “grandes, médios e pequenos” – eram reunidos no “Cine Rex”, velho salão, que ficava em meio aos pátios de jogos. O Reitor indicava, nominalmente, os erros e as faltas cometidas pelo aluno, durante a semana. Criava-se uma situação aflitiva, de certo modo humilhante. Os culpados deveriam ficar de pé, para ouvir, sem defesa, as acusações, e, então, vinha a sentença... Graças à compreensão e à formação humanitária do Pe. Afonso, em 1947, quando ele assumiu a Reitoria, em Azambuja, esta modalidade constrangedora desapareceu.

Impende considerar que o Pe. Afonso foi, sempre, uma pessoa de mentalidade muito aberta, responsável, conciliadora e animadora. Graças a esta sua personalidade, as pessoas que com ele trabalharam tiveram sempre seu estímulo e compreensão. Haja vista, a atitude que tomou em relação às atividades do Pe. Guilherme Kleine e do Pe. Raulino Reitz.

Durante o período que passei em Azambuja, 1945-1949, realizaram-se várias transformações, que continuam a acontecer até hoje. Notamos, então, um período de extraordinário progresso. Com o acordo e a compreensão do Pe. Afonso, Reitor do Seminário, Pe. Guilherme procurou melhorar a pintura do Santuário e organizou uma campanha para aquisição dos bancos, conseguindo muitos benfeitores em Brusque. Em 1948 construiu-se um aumento do Seminário, por cima da cozinha. Em 1957, começou-se o moderno edifício do atual Seminário, transformando-se o antigo em Museu, em 1960. Em 1950, comemorando o Ano Santo e a proclamação do dogma da Assunção de Maria, iniciou-se o Morro do Rosário, por iniciativa de Pe. Afonso.

No decorrer do ano de 1953, recebi a alegre comunicação que, no próximo ano, deveria concluir meus estudos em Roma. Quando já em Roma, recebo uma cartinha do Pe. Afonso, dizendo de suas preocupa-



ções com o Seminário de Azambuja, em virtude da criação da Diocese de Tubarão:

*“Azambuja, aos 3 de fevereiro de 1956.*

*Prezado Afonso*

*Paxtibi!*

*Tem esta finalidade principal de lhe agradecer as Boas Festas e os Votos de um Feliz Ano Novo. O mesmo lhe desejei naqueles dias festivos, de todo o meu coração. Já nos encontramos no fim das férias e próximos a iniciar um novo ano letivo.*

*Com a separação da diocese de Tubarão (1955), perdemos o Seminário Preparatório de S. Ludgero e todos os Seminaristas nascidos no Sul. Por isso, o preliminar e a 1ª série ginásial funcionarão novamente em Azambuja. No fim do ano os padres professores estavam um tanto pessimistas quanto às vocações sacerdotais na Arquidiocese. Mas, no final do retiro, foi feito um apelo a todos os padres das paróquias para se interessarem mais vivamente pelo problema, e o resultado foi que estamos rejeitando pedidos de matrícula por falta de espaço! Tenho na lista 60 novatos, além dos nossos 20 que passarão de S. Ludgero para cá. Assim, serão no todo mais de 140! Acima da lotação! No começo lutaremos com muita dificuldade para alojar a todos. Melhor isso, porém, do que estar a lamentar falta de vocações. [...] Mais notícias nas outras cartas.*

*Abraços agradecidos e a bênção do Pe. Afonso”*

Em 8 de dezembro de 1957, Pe. Afonso teve a grande alegria de ver seu colega de Seminário, Pe. Wilson Laus Schmidt, ser sagrado Bispo, na Catedral de Florianópolis. Pouco mais de 1 ano depois, em 10 de janeiro de 1959, saiu a nomeação do Mons. Afonso Niehues para Bispo Titular de Eurea no Epiro e Coadjutor com Direito à Sucessão do Bispo de Lages!

A solene sagração episcopal foi realizada no Santuário de Azambuja, no dia 5 de abril de 1959, com a presença de seus familiares, muitos amigos e admiradores. Foi Sagrante Dom Joaquim Domingues de Oliveira, Arcebispo Metropolitano de Florianópolis e, Co-Sagrantes, Dom Frei Daniel Hostin, OFM, Bispo Diocesano de Lages, e Dom Wilson Laus Schmidt, Bispo Titular de Rodosto e Auxiliar do Rio de Janeiro.

Sabemos do trabalho fecundo e apostólico de Dom Afonso, na vasta Diocese de Lages. Apesar da alegria e do prazer em trabalhar na Diocese Lageana, Dom Afonso não se esquecia de seu passado. Em 14 de dezembro de 1959, escrevia-me uma cartinha dizendo:



*“Com muito prazer li a sua noticiosa carta. Sempre gosto de ler as cartas que vêm de lá. Dificilmente a gente pode esquecer uma terra onde se passou, por assim dizer a vida. Transmita os meus parabéns ao Pe. Guilherme pelos melhoramentos acontecidos na fazenda: capelinha de São Roque, casa de descanso para os padres! Quem pôs a mão no arado cuide de não olhar para trás! O arrozal deve estar uma maravilha! Conheço agora boa parte do nosso Estado para alguém do Rio do Peixe. As plantações são qualquer coisa de encantador! Não se enxerga coisa semelhante ao longo do litoral. Concórdia pertence ao bispado de Chapecó, mas passei por lá quando fui visitar Dom José; é uma cidade limpinha e simpática; paróquia profundamente católica e colonos ricos. Somente esta paróquia vai concorrer dentro de um ano com um milhão para a construção do Seminário Menor de Chapecó”.*

Seu ideal, jamais, era olvidado: convidar jovens ao sacerdócio.

Os Bispos da Província de Santa Catarina estavam ansiosos por ter o seu Seminário Maior. Dom Afonso toma a iniciativa, de acordo com Dom Joaquim Domingues de Oliveira.

Em uma reunião, realizada em Roma, em meados de novembro de 1963, é acolhida, por todos os Bispos Sufragâneos, a sugestão do Sr. Arcebispo Metropolitano, de Florianópolis de adquirir, por compra, a propriedade da Congregação das Irmãs da Divina Providência, situada em Curitiba, pelo preço global de Cr\$ 70.000.000,00.

O negócio foi realizado, adquirindo a Província Eclesiástica de Santa Catarina um Pensionato, imóvel este, situado no Ahú-de-Cima, na cidade de Curitiba, a fim de ser utilizado como “Seminário Maior”. Por sugestão dos Srs. Bispos, o referido Pensionato seria denominado *Paulinum*, em homenagem a Paulo VI, Instituto Provincial Catarinense.

Dom Afonso toma a dianteira, na realização do novel empreendimento. Assim o vemos, por exemplo, pela sua carta dirigida ao Sr. Arcebispo Metropolitano, aos 29 de maio de 1964:

*“Lages, aos 29 de maio de 1964*

*Exmo. E Revmo. Sr. Arcebispo Metropolitano Florianópolis.*

*Com a atenção voltada para a reunião do Episcopado Catarinense, a realizar-se no próximo primeiro de junho, sob a presidência de V. Excia., lembrei-me de juntar alguns pontos que, entre outros, poderão, se assim aprouver a V. Excia., ser submetidos à consideração dos Srs. Bispos da Província de Santa Catarina.*



1. *Qual o nome a ser dado ao Pensionato de Curitiba? Abrirá efetivamente em 1965?*
  2. *Em caso afirmativo, somente serão matriculados novatos, ou também os seminaristas catarinenses que atualmente se encontram em outros Seminários?*
  3. *Quantos padres deverão responder pela formação dos seminaristas no Pensionato? Dois: Reitor (e ecônomo) e Espiritual ou mais? Quais padres?*
  4. *Irmãs para o serviço doméstico: quais? quantas? em que condições?*
  5. *Qual a nossa obrigação financeira para com as entidades responsáveis pelos Cursos que serão frequentados pelos nossos alunos?*
  6. *O Pensionato dista 11 km. do Filosofado; qual o meio de condução?*
  7. *O Pensionato foi comprado sem os móveis; precisamos dos altares e bancos da capela, de guarda-roupas, para os quartos, de mesinhas de estudo, de cadeiras, de camas e colchões, de mesas para o refeitório, dos utensílios de cozinha, do próprio fogão, das louças, etc. Não há propriamente um refeitório; não há sala de conferência.*
  8. *Quem será destacado para providenciar a aquisição de todos esses objetos e móveis e preparar a casa?*
  9. *Tratando-se de um Pensionato inter-diocesano, não será necessário um Estatuto que defina os direitos e os deveres das Dioceses? E o Regulamento dos alunos?*
- Ass.: D. Afonso Niehues.”*

A Província Eclesiástica de Santa Catarina era constituída, então, pela Arquidiocese de Florianópolis e as Dioceses de Lages, de Joinville, de Chapecó e de Tubarão. Pouco depois, pelas Dioceses de Caçador e de Rio do Sul.

Por deliberação dos Srs. Bispos, a Direção da casa, em 1965, ficou a cargo dos professores: Pe. Affonso Paulo Guimarães (Reitor e Ecônomo), Pe. Odilo Rockenbach (Espiritual), Pe. Tito Buss (Orientador), Pe. Reinaldo Hock (Ecônomo), Pe. Osmar Müller (Espiritual), Pe. Evaristo Debiasi (Orientador), Pe. Paulo Bratti (Orientador) e Pe. Ari Martendal (Orientador).

A adaptação do prédio à finalidade dos Bispos acarretou sérios problemas econômicos. Mas, graças a Deus, tudo foi realizado conforme as expectativas. Novos problemas foram surgindo, precipuamente, com relação aos estudos universitários e ao futuro do espaço físico do Pau-



*linum*. Com moderação e com a assistência ponderada de Dom Afonso Niehues, tudo ia se concretizando, a contento.

No dia 08 de janeiro de 1972, para evitar problemas e preocupações, principalmente, no campo psicológico, convidei meu cunhado, Lindolfo Petri, a levar, pessoalmente, a meu grande amigo Dom Afonso, uma carta, na qual eu dizia de meu afastamento do Clero.

No momento em que a carta falava de que, no dia seguinte, eu iria a Azambuja, para conversar com meu outro grande amigo, Mons. Guilherme Kleine, Dom Afonso falou ao meu cunhado: “O Pe. Guimarães não poderá mais falar com seu amigo, pois, ele faleceu, por infarto, nesta madrugada!”

Eu jamais teria enviado essa carta, se estivesse ao par do falecimento do Mons. Guilherme Kleine. Creio que foi uma grande tristeza para o Arcebispo receber, no mesmo dia, duas notícias tão desagradáveis. Com meu cunhado, fui aos funerais do saudoso amigo.

Dom Afonso prosseguiu a sua caminhada apostólica, com toda a confiança em Deus. Em toda a parte “sentindo o cheiro de suas ovelhas”, como diz o papa Francisco, e deixando junto delas a sua preocupação, o seu cuidado e a sua proteção de pastor. Em 1985, recebeu, como Bispo Auxiliar, Dom Murilo Krieger, SCJ, que, em 8 de maio de 1991, foi nomeado Bispo Diocesano de Ponta Grossa, PR.

Na data de 23 de janeiro de 1991, a Santa Sé aceitou o seu pedido de renúncia, e Dom Afonso deixou Florianópolis, no mês de março desse mesmo ano. Voltou a residir no lugar tão saudoso, conhecido e amado, o Seminário de Azambuja. Num ambiente de recolhimento e oração, em pleno Retiro do seu Clero, no silêncio da noite, entregou sua alma ao Criador, no dia 30 de setembro de 1993. Quantos passos andados e já passados; e tantos vestígios maravilhosos deixados para o bem do povo de Deus.